

18º Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

**Grupo de Trabalho: GT10 - Biografia e Sociedade**

Título do Trabalho: **O longo caminho para a individuação: *provas e suportes* em jovens fora de Série**

Nome completo e instituição do(s) autor(es):

Paulo Cesar Rodrigues Carrano – Universidade Federal Fluminense  
([pc.carrano@gmail.com](mailto:pc.carrano@gmail.com))

Marcela Betancourt – Universidade Federal Fluminense  
([marcebeta@gmail.com](mailto:marcebeta@gmail.com))

Viviane Netto Medeiros – Universidade Federal Fluminense  
([vivinettoliver@hotmail.com](mailto:vivinettoliver@hotmail.com))

## O longo caminho para a individuação: *provas e suportes* em jovens fora de série

Paulo Carrano <sup>1</sup>

Marcela Betancourt <sup>2</sup>

Viviane Netto Medeiros <sup>3</sup>

### Introdução

O artigo discute os processos de individuação que incidem sobre o tempo de juventude na contemporaneidade partindo dos percursos biográficos de três jovens participantes de uma pesquisa<sup>4</sup> realizada pelo Observatório Jovem/UFF com estudantes do ensino médio. Os “Jovens Fora de Série” são estudantes que por suas provas de vida abandonam a escolaridade, mas que por esforço de superação dessas mesmas provas retornam aos bancos escolares no programa de Educação de jovens e adultos EJA.

O corpus empírico é composto por narrativas biográficas, grupo de discussão, gravados em vídeo, além do uso de dispositivo metodológico que utilizou fotografias e vídeos produzidos por cada um dos jovens com o objetivo de criar espaço-tempo de reflexividade entre os participantes. Estes representaram seus cotidianos, sentimentos, experiências e projeções de futuro e as narraram para a equipe de pesquisa. Norteou nossa análise a compreensão de que o caminho da autonomização implica aos indivíduos lançarem mão dos *suportes* disponíveis em seus contextos sociais para enfrentar um conjunto de *provas existenciais* que, mesmo sendo comuns aos membros de sua geração, sua comunidade ou coletivo, são vivenciadas a partir de perspectivas e experiências individuais (MARTUCELLI, 2010).

Na primeira parte, o texto discute alguns aspectos teóricos sobre os conceitos de individuação, provas e suportes existenciais e suas relações com a condição juvenil nas sociedades contemporâneas, com base em estudos sobre o tema. Em seguida, apresentamos as análises das narrativas dos jovens Maria, Jhonata e Alexandre, que relataram aspectos significativos de suas experiências de vida com a pesquisa. Por último, a partir dessas trajetórias singulares, o texto tece considerações sobre os desafios que afetam a vida dos jovens e que incidem sobre suas trajetórias escolares e fornece

---

<sup>1</sup> Paulo Carrano é Doutor em Educação. Professor Associado I da Universidade Federal Fluminense e Bolsista Cientista

<sup>2</sup> Marcela Betancourt é estudante do doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro. Professora Universidade Central do Chile.

<sup>3</sup> Viviane Netto Medeiros é estudante de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de Ensino Médio na Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Pesquisa desenvolvida com apoio da Bolsa Cientista do Nosso Estado/FAPERJ.

elementos a serem considerados na elaboração de políticas educacionais para jovens do ensino médio.

A investigação aponta a necessidade de uma escola singularista, compreensiva e atenta aos tempos de vida e trabalho dos jovens, já que tal postura apareceu como suporte importante para a superação das provas que afetam seus percursos biográficos.

### **Conceituação**

A experiência de pouca autonomia dos jovens e de incompletude frente aos adultos gera conflito geracional, mas este conflito pode ser até necessário para a construção de um indivíduo autônomo. O núcleo dessa crise tem a ver com uma separação entre as trajetórias de vida pessoal, seus papéis sociais e seus vínculos com as instituições (LECCARDI, 2005). Assim pode se retratar a vivência dos jovens como seu processo de autonomia, que não é outra coisa além de seu caminho para a individuação.

A individuação pode ser compreendida como o caminho percorrido pelo indivíduo na busca de sua independência do sistema (CARRANO e BRENNER, 2014). Neste processo, o indivíduo passa a realizar de forma autônoma aquilo que antes demandava ajuda ou tutela. A identidade adulta é capaz de produzir novas identidades e integrar o passado com o presente. Como atores individuados, podemos ter acesso a diversas experiências que tendem a nos individualizar e converter em sujeitos (MARTUCELLI, 2010).

No percurso do tempo, no caminho para a individuação, os indivíduos em formação enfrentam diferentes situações que se constituem como provas para que se constituam como indivíduos. Para Martucelli (2010), “provas” é conceito que expressa é desafios históricos, ou existenciais, que são socialmente produzidos e culturalmente representados. Os indivíduos estão obrigados a enfrentar estas provas em seu processo de individuação. O conceito de prova propõe uma articulação entre os processos societários e as experiências pessoais. As provas encontram-se vinculadas a diferentes características sociais dos indivíduos e se apresentam como desafios existenciais para o processo de individuação nas trajetórias pessoais.

Os indivíduos, ao serem obrigados a se defrontar com provas ou desafios que podem se constituir como obstáculos sociais diversos em suas trajetórias, podem ter êxito ou fracassar. O termo prova até pode ter um sentido escolar. As provas não seriam independentes das posições e dos contextos sociais em que a pessoa se desenvolve. Embora sejam próximas aos contextos sociais, são heterogêneas no interior de uma mesma posição social e dos contextos de vida semelhantes. Uma mesma realidade social não assegura que as provas serão as mesmas; elas são múltiplas. O contexto social que

rodeia o indivíduo marca o sentido com seus desafios existenciais, mas os sentimentos dos atores são plurais. Assim, a problemática central no momento de realizar uma pesquisa à escala dos indivíduos é descobrir as provas efetivamente por eles vividas. (MARTUCCELLI cit. CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015)

Leccardi (2005), recorrendo a Melucci, associa o conceito de “nômade” à trajetória biográfica contemporânea. Refere-se à ideia de que jovens necessitam transitar por lugares não conectados, sem base num projeto, a fim de compreender-se como indivíduos e entender seu próprio caminho de individuação. Nessa vivência nômade, as provas podem se tornar muito difíceis de serem enfrentadas.

O suporte permite que o indivíduo adquira autopercepção para que este sustente sua existência no caminho da independência. Esse caminho se relaciona com ser parte da sociedade (MARTUCCELLI, 2007). Neste sentido, muitas vezes a autonomia traz consigo dignidade, no sentido de que o indivíduo consegue ser ator capaz de se auto sustentar.

Para o adolescente, a incerteza de sua idade apresenta outras incertezas (MELUCCI 1996). A Adolescência orienta-se para o futuro e o presente tem valor na construção da identidade e na geração de oportunidades de viver (FOLEY 2011). Assim, as escolhas se orientam para a constituição de um indivíduo autônomo na definição de sua própria identidade.

Para Cichelli (2015:6):

A adolescência é assimilada a um segundo nascimento, que faculta ao indivíduo fazer o luto de sua infância e um processo de individualização, desde que o jovem possa se afrontar aos modelos fortemente normatizados da vida adulta.

O percurso da individuação é caminho que tem início na infância. Na adolescência as escolhas têm uma carga importante e não se resumem ao momento de passagem para a vida adulta. A individuação pode ser vista como uma capacidade individual de construir e reconstruir narrativas novas (LECCARDI, 2005). Essa obrigação de construir uma biografia individual implica autodeterminação e autonomia na escolha. É possível dizer que na juventude, o indivíduo pode lançar mão desse processo, entendendo-se a individuação como um caminho percorrido pelo indivíduo na busca de elaboração de uma biografia individual em busca por independência do sistema (CARRANO e BRENNER, 2014).

O jovem ao representar a si mesmo como um indivíduo elabora expectativas para esse período da sua vida. A natureza precária e transitória da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. É neste sentido que a juventude deixa de ser uma

condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade (MELUCCI 1996 p. 13) e com a possibilidade de conquista da autonomia. Na sociedade contemporânea a juventude implica autodeterminação, conquista de liberdades, experimentação, mas também a perda de uma relação que seja positiva com o tempo social (LECCARDI, 2005).

Nesta representação aparece um tempo social que não é o mesmo que tempo individual. A possibilidade de não aceitar um tempo meramente linear se revela na construção de um percurso a partir das experiências pessoais dos acontecimentos da vida toda. O tempo não é a mesma coisa para um adulto, para um jovem ou para um menino. Existe uma separação entre os tempos interiores que tem essa significação do tempo de indivíduo e os tempos exteriores são marcados por ritmos diferentes e mesmo regulados pelas esferas do pertencimento de cada indivíduo. (MELUCCI, 1996). Isso se faz como relação entre experiências subjetivas e tempos sociais.

A juventude é vista pelo mundo adulto como provisória e destinada a desaparecer. É como uma preparação para esse mundo adulto. Aqui, a estrutura geracional determina as formas da relação. É a posição geracional, aquilo que vincula os acontecimentos pessoais. Os adultos tendem a se vincular nesse processo numa perspectiva histórica, compreendendo a conexão geracional como a necessidade de mostrar um *dever ser* ao jovem (MANNHEIM, 1993).

Esta posição limita os indivíduos a um só devir possível, sugerindo assim uma modalidade específica de vivência e pensamento em seu processo histórico. O jovem é visualizado como aquele que não sabe nada da vida, aquilo que Mannheim (1993) chama de sucessão geracional. Essa irrupção constante de novos homens (e mulheres) faz que por um lado se perca bens - sejam sociais, culturais etc - já acumulados, mas que se invente uma nova revisão daquilo que pode ser esquecido ou conquistado (MANNHEIM, 1993).

Jovens com recursos reflexivos conseguem ler a incerteza do futuro como uma multiplicação de possibilidades, um devir como potencialidade agregadora, não como um limite, e os adultos têm um papel nesse percurso. Compreende-se, então, que os fenômenos sociais contemporâneos exigem a constituição da reflexividade por parte dos indivíduos.

A escola se apresenta como estrutura que faz conviver a experiência subjetiva de tempo social da juventude com a busca da individuação em condições de reflexividade. A própria "sobrevivência" nessa instituição é uma prova existencial (MARTUCELLI cit.

CARRANO e BRENNER, 2014). Na busca da autonomia, jovens enfrentam provas que os levam a abandonar a escola e também encontram motivações múltiplas que fazem com que a ela retornem.

### **As provas de Maria<sup>5</sup>**

Maria é uma jovem que, na ocasião da pesquisa, tinha 20 anos de idade, morava com o marido e um filho de 5 anos e estava em vias de concluir o ensino médio na EJA. Suas provas de vida não têm a ver somente com a situação de juventude em circunstâncias de pobreza, mas com sua condição de mulher na sociedade patriarcal. As decisões que ela adota têm como um norte muito claro ter uma família e ser independente. Tudo aquilo que ela consegue é narrado como produto de seu esforço pessoal. Frente a os diálogos com Maria é possível interpretar que para ela, todas as coisas que ela consegue não constituem um final, mas um início, um novo começo. Ela nunca termina de chegar. Em seu caminho de individuação o conceito, de dignidade parece ser aquilo que permite enfrentar suas provas.

Seu abandono da escola, é por ela associado ao abandono que sofreu por parte de seus pais. Seu pai não aceitou que namorasse. Então, assim que descobriu o namoro a expulsou de casa, aos 14 anos. Nesse momento ela procura a sua mãe para defender seu direito de morar com sua família, mas, segundo relatou, a mãe fazia tudo aquilo que o pai decidia. Assim, Maria vai morar longe de sua família de origem, na casa de uma tia. Frente à situação de pobreza de sua tia, decide trabalhar. É clara quando assinala que a mudança não era aquilo que ela precisava naquele momento, pois passou a ter de trabalhar para viver, trazer dinheiro para casa e assim se tornar independente por força das circunstâncias. É interessante lembrar que Maria pretendia permanecer na escola, ela disse que tinha tudo comprado: sua mochila, seus cadernos, e que quando sua mãe lhe pediu para ir morar com sua tia, ela pensou imediatamente que já não mais conseguiria ir para sua antiga escola. Relatou que sua mãe demonstrou ser indiferente à essa situação. Então, ela se inscreve em uma escola perto da casa de sua tia, que, por sua idade, só poderia frequentar no turno da manhã. O trabalho que conseguiu foi num “cantinho” de venda de lanches que fechava por volta das quatro de manhã. Este horário impedia que conseguisse ir para escola às sete da manhã. E mesmo quando conseguia passava todo o tempo dormindo durante as aulas. Assim, o abandono da escola é descrito praticamente

---

<sup>5</sup> Os nomes originais dos entrevistados foram mantidos pois, com consentimento dos mesmos, a pesquisa produziu um filme documentário onde suas identidades são reveladas.

como um processo “natural” e consequente diante de suas novas circunstâncias de vida e trabalho.

Aquilo que fez com que ela abandonasse a escola foi, ainda segundo ela, a mesma coisa que a trouxe de volta. Maria relata que todos os trabalhos que conseguiu estavam relacionados com o serviço de venda ou de entrega de refeições. Chegou o momento, contudo, em que passou a atrasar o pagamento do aluguel. Em especial, porque todos os seus ganhos eram gastos com a compra de leite para seu filho. Viu-se diante da situação de não conseguir fazer mais horários extras como forma de aumentar os rendimentos. O retorno para a escola surge, então, como constatação de que precisaria aumentar o nível de escolaridade para que conseguir um trabalho em melhores condições e melhor remunerado.

A história de Maria se desenvolve associada a uma necessidade de independência financeira, que caracteriza a autonomização que ocorre no tempo da juventude, com a busca de sobrevivência sua e de seu filho. Neste contexto, ainda se coloca a necessidade de ficar longe de seu pai como saída para uma vida sem a violência física e os maus tratos cotidianos que recebia na casa paterna. Depois de diferentes situações de abuso em sua casa de origem, que tiveram como consequência a expulsão e o abandono escolar, Maria toma decisões que influenciarão seu caminho de individuação. Passa a acreditar, então, que a única forma de romper com essa naturalização da violência familiar é conseguir sua independência. Trata-se de uma necessidade de liberdade frente às circunstâncias. Assim, aos 14 anos, decide engravidar. Esta seria, segundo narrou, uma situação que saberia ter como consequência o não retorno para a casa paterna, visto que o seu pai não admitiria o seu retorno, em especial, na condição de mãe adolescente. A situação de Maria pode ser descrita como uma “gravidez consciente”, visto que planejada, ainda que sob circunstâncias constrangedoras e adversas; uma verdadeira e profunda decisão de independência em busca da dignidade que não encontrava em sua família de origem.

Mas, essa independência trouxe consigo novas provas, envoltas em nova situação de violência e maus tratos. Maria, aos 15 anos e grávida, passa a residir com um marido que a agride fisicamente com regularidade. Aos sete meses de gravidez foi agredida com tanta violência que ficou na rua inconsciente. Relatou que este episódio foi o único em que seu pai intercedeu a favor, ajudando-a a sair da casa onde vivia a relatada violência conjugal. As provas para Maria aumentam de tal modo que ela não consegue se manter nos trabalhos que consegue; quer seja pelas condições domésticas adversas ou mesmo

pela forma recorrente que seus lugares de trabalho – “os cantinhos” – encerram a atividade.

Aos 15 anos, com um filho para criar e absoluta independência de sua família, começa a procurar uma solução de sobrevivência. Foi neste período que conheceu uma amiga de sua tia que acabara de chegar do Nordeste onde experimentara situações de violência muito próximas as vividas por ela. Maria forma, então, uma “nova família” com sua recente amiga e seu filho.

A decisão de reorganizar a vida familiar em um novo arranjo de laços não nucleares ou consanguíneos é descrita como uma necessidade de “apoio” – que podemos traduzir por suporte – a ela e a seu filho. Maria relata que ser uma “mãe trabalhadora” foi muito complicado e que precisou de alguém que ajudasse a criar a seu filho. Assim, o menino se converte em um motor e uma razão para a vida de Maria de forma que todas as suas decisões são feitas pensando nele.

A situação paradoxal é que a decisão por engravidar na procura da autonomia resulta na própria restrição da autonomia que o nascimento de um filho acarreta para uma mãe. E ainda mais quando as condições de suporte não são favoráveis. A adolescência é radicada na solução dos problemas do presente; o futuro se coloca como uma complicação adicional, na forma da gravidez e da maternidade.

É interessante pensar que para Maria o trabalho é descrito como um caminho para a dignidade sua e de seu filho. Este é o elemento decisivo que a leva a se decidir por voltar a estudar. Não se enxerga “servindo mesas” em bares e restaurantes por toda a sua vida. Maria revela querer alguma coisa diferente para ela e pensa que voltando para a escola poderá conseguir um trabalho que permita uma vida mais digna para ela e seu filho. Pode ser que Maria tenha deixado de ser jovem, pode ser que as circunstâncias não a tenha deixado muitas alternativas; o certo, contudo, é que Maria em dado momento revelou que conseguiu olhar para o futuro. É neste sentido que o trabalho assume a sua dupla natureza, ou seja, ele é o que faz com que ela precise abandonar a escola mas também é aquilo que a motiva a retomar a trajetória de escolarização.

Maria narra situação que a surpreendeu positivamente. Um cliente de um dos “cantinhos” onde ela trabalhou lhe ofereceu um bom trabalho no escritório de uma grande empresa. Ela decide, então, enfrentar o desafio de trabalhar em algo que desconhece e que não sabe se irá conseguir realizar com sucesso. Relata ter chorado no primeiro dia em que chegou para seu novo trabalho, não apenas pela felicidade que sente, mas também porque teria ficado apavorada com o risco de perder essa oportunidade que para



ela se revelava como única na vida. Maria, buscou ser o seu principal suporte fazendo tudo para que essa nova experiência de certo.

Maria se define, então, como um suporte em si mesmo que se expressaria por sua convicção da necessidade de mudar sua história em sua busca por dignidade. Na situação nômade de busca pela autonomia individual narrada em seu percurso biográfico dois elementos de chegada se constituem como uma espécie de refúgio: a família não violenta e o trabalho que assegure dignidade. Para Maria, a vida de hoje é um sonho que chegou e que pode ser expresso no seguinte conjunto: ter uma família, um companheiro amoroso e não violento, uma casa com quarto para seu filho e poder enviá-lo para escola privada, esta considerada como símbolo de distinção e mobilidade social. Por fim, e não menos importante, Maria revelou que “sair da comunidade” de favela onde morava representou também uma conquista que a distanciou de um ambiente de poucas oportunidades para ela e seu filho.

### **Jhonata: o eterno recomeço**

Jhonata é outro jovem cuja narrativa revela ainda mais elementos para a reflexão sobre os desafios enfrentados pelos jovens no seu caminho da individuação. Diante do quase abandono familiar, mobiliza todos os demais suportes que encontra em seu percurso biográfico para construir-se enquanto indivíduo. Das experiências vivenciadas nos diversos meios (escola, trabalho, amigos, grupo religioso) retira os apoios simbólicos para superar os desafios e sustentar-se no mundo.

Autodeclarou-se negro, tinha 27 anos na ocasião da pesquisa e residia sozinho numa comunidade de favela situada na cidade do Rio de Janeiro. Informou ser evangélico, trabalhar como balconista de loja e ter uma filha pequena que morava com a mãe, de quem se separara. Espontâneo e falante, narra sua trajetória utilizando-se de metáforas que o ajudam não apenas a descrever a profundidade e complexidade de suas experiências, mas a auto representar-se e refletir sobre si. Para a pesquisa, torna-se uma excelente fonte de compreensão de seus valores e visões de mundo.

Como ocorre com os demais participantes da pesquisa, a infância de Jhonata não é lembrada em meio a contentamentos. Nascido em Pernambuco, conta que foi criado juntamente com sua irmã por uma mãe alcóolatra e violenta, de quem apanhava sem compreender ao certo os motivos. Vivendo em extrema pobreza, comumente passava fome e recebia o apoio de tios, vizinhos e patrões, já que a mãe vivia a “beber e jogar baralho”. Ainda pequeno, além de estudar, trabalhava como camelô com os tios e,

posteriormente, trabalharia descarregando compras em um mercado. Essas situações-limite fazem com que a imagem materna seja associada às ideias de irresponsabilidade, imaturidade, violência, mágoa, abandono e vergonha.

Quanto ao pai, assassinado quando sua mãe ainda estava grávida, o jovem idealiza a imagem de alguém que, se vivo, teria sido sua referência e que agiria em defesa contra as diversas violências e injustiças vividas na infância e adolescência. Guarda lembrança afetiva apenas da avó falecida, a qual se reporta como uma figura “*sagrada*”, que “*Se pudesse fazia uma cúpula, para preservar*”. Jhonata projeta essa imagem na filha, batizada com nome semelhante ao da avó.

Desde a infância, conta que nutria o desejo de sair da companhia da mãe, expectativa que se concretizaria aos dezesseis anos, quando veio sozinho para o Rio de Janeiro morar com uma tia. Esta mudança representaria um marco significativo em sua trajetória pois, a partir deste momento, veria ampliados seus desafios de sobrevivência. Quando motivado pela equipe de pesquisa a produzir imagens (fotografias e vídeos) sobre si, o jovem apresenta-nos a Ponte Rio Niterói como sendo a representação de um recomeço de sua vida.

Os primeiros anos de chegada à cidade representaram para o jovem um período de risco, já que logo envolveu-se com a “*vida errada*”. Para narrar essa experiência, o jovem metáforiza, apropriando-se do mito bíblico de Jonas, um personagem que teria sido engolido por uma baleia ao tomar uma rota de navegação oposta à uma ordem divina. Na aplicação do jovem, sua “baleia” representaria a “*mundo do crime*”, que o teria engolido tão logo cruzou a ponte em direção ao “*mar*” da cidade do Rio de Janeiro: “*fui engolido pelo mundo, pelos erros da vida que te engole se tu não souber andar*”. Revelou que no período de anos que teria se envolvido com a “*vida errada*”, diz ter visto amigos que viviam com ele “*dentro da baleia*” serem assassinados, o que o faz compreender esse momento como um “*(des) futuro*”, palavra criada por ele para simbolizar a negação ao futuro, já que o risco de morte era constante.

Essa metáfora deixa entrever o esforço do jovem para compreender e lidar com suas experiências negativas e, a partir delas, traçar novas rotas de ação, já que: “*dos erros se faz acertos*”. Com orgulho, Jhonata diz ter sido “*jogado para fora*” do mundo do crime, tal qual o referido profeta cuspidor pela baleia. Refletir sobre tal experiência significa permanecer em constante estado de vigilância para não retornar ao “*ventre*” do crime. Nesse arremesso para além da “*vida errada*”, o nascimento de sua filha desempenharia um papel importante.

O nascimento da filha representa mais um “recomeço” na trajetória de Jhonata. A maneira como concebe a figura do pai (responsável, protetor, exemplo) interfere em suas atitudes perante a paternidade e, por conseguinte, contribui para que reveja suas ações na vida: *“Minha filha mudou minha vida. Agora parou(...) tenho orgulho de falar que não faço mais (...) Não tiro um centavo de ninguém para dar para minha filha”*. Além do mais, o medo de que a menina cresça sem pai, o que ocorreu com ele, parece impulsionar o desejo de desvencilhar-se daquilo que põe em risco sua liberdade ou mesmo a própria existência.

Ser pai para Jhonata parece ir além do papel tradicional do “provedor”. Ele afirma desempenhar a paternidade de modo mais ativo e “interventivo”, acompanhando na educação, nos cuidados com a saúde, alimentação e lazer, tudo feito com envolvimento emocional intenso. A filha passa a encarnar seu projeto de vida, um ponto de apoio que o permite reavaliar ações no presente e idealizar o futuro. Das poucas vezes em que se refere a seus horizontes, a filha aparece como objeto central da projeção. Em uma das entrevistas, ao apresentar uma fotografia da filha posada em uma mesa de escritório diz: *“eu viajo na minha filha”*, referindo-se ao desejo de que ela algum dia faça faculdade e se torne “uma doutora, uma advogada ou mesmo uma professora”.

A afirmativa de que vive em permanente estado de risco é constante na narrativa de Jhonata. Diz enfrentar o perigo de violência e morte cotidianamente na local em que vive, o qual representa como *“faixa de gaza”*, referindo-se aos assassinatos e assaltos. Para ele, habitar no referido local é conviver com *“duas portas”*, *“uma do bem, outra do mal”*, embora afirme não entrar mais nos limites da escolha entre as duas portas.

Essa percepção de vida em risco afeta sua relação com a temporalidade, fazendo com que vivencie seu presente como um eterno recomeço: *“o começo do dia, o começo da vida. Cada dia é um novo começo, começa do zero”*. Diante da fragilidade de suportes que o auxiliem na planificação de sua vida, o jovem contenta-se em reconhecer a vantagem de estar vivo e conseguindo sobreviver de modo melhor que antes:

Cada minuto é um desafio” “Muitos diziam que eu não ia passar dos 15 anos, hoje tô com 29 anos. Achavam que eu iria cair na vida errada e morrer cedo” (...) “Tô no lucro”.

O presente aparece também como meio de resgate do que não pôde ser vivido no passado, como os momentos lúdicos atribuídos à infância, perdidos, segundo ele, na luta pela sobrevivência. É no lazer do futebol e do *paintball* junto com os amigos, que Jhonata busca vivenciar tais momentos, caracterizados como sendo a *“infância de agora, uma*

*coisa que no passado eu não podia fazer e agora consigo*". Assim, entre um passado que é reservatório de experiências ruins e um futuro que não está dado, prevalece o presente como possibilidade de satisfação e felicidade.

Esse eterno recomeço diário tem no trabalho sua principal fonte realizadora. Jhonata trabalhou em várias atividades: como camelô, pedreiro, carregador de mercadorias, mas no momento das entrevistas para a pesquisa era balconista em uma loja de vidros no Centro do Rio de Janeiro. Credita a esse trabalho o fato de estar vivendo uma vida muito melhor que antes; em especial por trabalhar no "atendimento a clientes" e não com o serviço braçal de "carreto" de feira. Se é na filha que ele encontra a motivação para não se envolver no crime, é o trabalho que fornece os meios para não fazê-lo. Com seu trabalho, experimenta o "*prazer*" de olhar seus pertences e dizer: "*isso aqui é meu, foi eu que comprei, não tirei de ninguém*".

O trabalho aparece representado por ele como um elemento central na estruturação de seu ciclo de vida, aquele que garante seu recomeço diário. Relatando seu trajeto até o trabalho, com todas as dificuldades enfrentadas no deslocamento, cria a interessante metáfora de um "bolo" que, de acordo com ele, representa o metrô, sendo o aglutinado de pessoas nos vagões seu "*recheio*", as vicissitudes do trajeto o "*preparo*" e a aguardada chegada ao local de trabalho o "*parabéns*". Essa simbologia que liga a chegada ao trabalho (o "finalmente") a um momento de festejo, talvez aponte que é no trabalho que ele encontra os suportes, materiais e simbólicos, para estar sempre recomeçando sua vida.

Além de encontrar nele seu "*ganha pão*", viu a partir do trabalho a oportunidade de estabelecer relações interpessoais que lhe serviram de apoio na vida. Desde a infância, diante do abandono da mãe, passou a construir vínculos afetivos com patrões, para os quais parecia transferir seus desejos de acolhimento. Sobre seus primeiros empregadores recorda: "*peguei a confiança dos donos. Eles mataram muito a minha fome, me deram muita força*". Na luta pela sobrevivência, constrói-se a ideia de patrão como aquele que concede um favor.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, Jhonata encontra também ali empregadores com os quais estabelece relações afetivas, baseadas na "confiança" mútua que lhe servem de apoio para garantir sua vida num lugar onde era recém-chegado. Ao sentir-se amparado, transfere para eles a idealização do pai e da mãe que gostaria de ter tido. Ele ressalta ainda os incentivos da "patroa", professora de profissão, para que concluísse os estudos.

A escola aparece na narrativa de Jhonata sempre associada com o mundo do trabalho. Desde a infância, não relatou sequer um momento em que teria se dedicado unicamente à atividade escolar. Recorda que durante a infância e adolescência costumava trabalhar de manhã e ir para a escola à tarde, onde sempre chegava atrasado. Contudo, lembra com gratidão das professoras que, vendo sua correria, sempre lhe davam apoio. Entretanto, esse “apoio” não foi suficiente para garantir uma trajetória escolar menos sinuosa: o jovem abandonou uma vez e repetiu duas vezes o ensino fundamental, acabando por concluí-lo aos 25 anos. Nunca repetiu o ensino médio, mas abandonou uma vez apontando a dificuldade de conciliá-lo com o trabalho como principal motivo. Diz que até hoje se sente apoiado pelos professores, alguns aos quais se reporta de maneira afetuosa, reconhecendo seus “esforços” de transmissão de conhecimentos.

Além do apoio encontrado nos professores, nos patrões, nos amigos e na filha, Jhonata busca na família da companheira e no grupo religioso ao qual pertencem, um amparo que favoreça o desenvolvimento de um sentimento de segurança e solidariedade. Essa passa a representar a família desejada, uma “*família adquirida depois*”, estabelecida não por laços consanguíneos, mas fraternos. Todos esses relacionamentos vão fornecendo suportes, de diferentes níveis de intensidade, capazes de amenizar seu grande temor de sentir-se “abandonado”, ou seja, numa completa deriva frente ao mundo.

### **Alexandre: um jovem em busca de seu lugar**

A trajetória de vida narrada por Alexandre nos traz outros elementos que ajudam a compreender processos de individuação de jovens na contemporaneidade, bem como o papel das instituições educativas nesse contexto. A narrativa do jovem age como um verdadeiro caleidoscópio de problemáticas coletivas, já que, ao revelar as diversas imagens que este constrói sobre si no mundo, descortina desafios, contradições e injustiças sociais vivenciadas cotidianamente por muitos jovens no caminho da autonomização.

Alexandre se autodeclarou negro, tinha 24 anos na época da entrevista e morava com a mãe, dois irmãos mais novos e um tio convalescente, no subúrbio Rio de Janeiro. Filho de empregada doméstica, é o quarto de uma família de 7 filhos e, até os 17 anos, não conheceu o pai, ao qual se mostrou indiferente. Cursava o ensino médio na modalidade EJA, trabalhava como pedreiro e estava em vias de concluir a construção de sua própria casa, para a qual pretendia mudar-se em breve.

Até os seis anos de idade, morou com a mãe e os irmãos num morro no centro da cidade, indo posteriormente com a família para casa da avó, no subúrbio do Rio de Janeiro. O período que se seguiria é recordado como um dos poucos momentos felizes de sua infância. Morando todos juntos: avó, mãe, irmãos, primos e tios, sentia-se acolhido uma vez que todos colaboravam no cuidado com as crianças.

Entretanto, essa experiência de apoio desfrutada no convívio com a família ampliada seria interrompida quando sua mãe muda-se com os filhos para outra cidade. Alexandre recorda esse momento como sendo o início de um “*período conturbado*”, que imprimiria marcas em sua trajetória, sobretudo acadêmica. Com a mãe e os irmãos mais velhos trabalhando fora, a família passou a exigir mais responsabilidade, já que era o filho mais velho a ficar em casa. Ele teria de cuidar dos irmãos pequenos, dar conta dos demais afazeres e estudar, o que fazia com que ele se sentisse cada vez mais sobrecarregado e insatisfeito.

Além do acúmulo de responsabilidades, a falta de diálogo vivenciada na família foi apontada como fator agravante de seu sentimento de insatisfação. Essa dificuldade relacional pode ser entendida como uma das maiores *provas individuais* vivenciada em sua trajetória. O jovem conta como era retraído, não conseguia comunicar facilmente seus pensamentos, sentimentos e necessidades às outras pessoas, o que o tornava progressivamente introspectivo. Devido a dificuldade de diálogos no âmbito familiar, era preciso cada vez mais enfrentar seus desafios sozinho.

A experiência escolar surge então nesse contexto como um apoio no enfrentamento de tal prova pessoal. A escola torna-se, segundo ele, um lugar de “refúgio” que o permitia recobrar aquilo que lhe faltava em casa: atenção, acolhimento, lazer, prazer. Um ambiente onde poderia abrigar-se do excesso de responsabilidades domésticas e reaver a ludicidade que não conseguiu viver na infância. Em especial, porque é no ambiente escolar que encontra um canal de comunicação interpessoal por meio da brincadeira com massinha de modelar. Esse recurso pedagógico lúdico tornou-se, segundo ele, estratégia para lidar com o medo da interação social e tornar conhecidos seus pensamentos e sentimentos.

O sentimento revoltoso oriundo da referida “*pressão familiar*” e “*falta de diálogo*” é colocado por Alexandre como o principal motivo das fugas de casa que passou a experimentar a partir de 9 anos de idade. A fuga tornou-se um comportamento tão recorrente que o jovem nem conseguiu precisar em quantas ocasiões tomou tal atitude. Só lembra que foram várias. Todas as vezes que a insatisfação atingia níveis elevados, ele rompia com o mundo familiar, indo se abrigar no mundo da rua. Esse desejo de

liberdade (das responsabilidades e do olhar cerceador do outro) marca seu processo de individuação. Um recurso escolhido por quem precisava individualizar-se dispondo de frágeis suportes.

A busca da liberdade teve como preço a interrupção de seu percurso escolar já que, sempre que fugia de casa, abandonava a escola. Desse modo, inicia-se seu ciclo de truncamento na trajetória acadêmica, motivado por fatores que extrapolam ao âmbito escolar. Esse movimento pendular entre a casa e a rua contribuiu para que se somassem abandonos e reprovações em sua trajetória de modo que Alexandre só conseguiria concluir o Ensino Fundamental aos 19 anos de idade.

A narrativa de Alexandre permite também compreender como se dão processos de auto percepção da negritude, algo que, para ele, se desenrolou de maneira paulatina, desde a infância. Alexandre vai descobrindo-se negro e desnudando os preconceitos associados a sua condição a partir do momento em que percebe a discriminação no olhar e nas atitudes das pessoas que o rodeavam nos meios sociais em que transitava. Ele representa essa experiência como uma perda gradual da “inocência” da infância:

Na época da inocência você não sabe muito bem, você não esquece aquilo mas já é diferente. Você olha pra pessoa e vê que ela não gosta de você, diz: eu não sei por que, eu trato o cara bem, mas ele não gosta de mim. Depois com o tempo que você vai tendo a noção do que está acontecendo. Você trata a pessoa bem e, independente de qualquer coisa, a pessoa te trata mal. Está sempre se desfazendo de você, querendo te excluir, fazendo piadinha, tentando te afastar das outras pessoas e você não consegue entender o porquê. Até que, de repente, você entende que é porque eu sou preto! Ele está fazendo aquilo porque eu sou negro!

O conteúdo da narrativa de Alexandre desnuda a crueldade do racismo, possivelmente uma das principais provas enfrentadas pelos jovens negros no caminho de sua individuação. O relato revela o preconceito velado, escondido no olhar, na postura que evita, no “humor” jocoso e violento, armadilhas cotidianas mais comuns nas quais o racismo se esconde. Perder a “inocência” implica tomar ciência de que não se é plenamente aceito pela sociedade unicamente pelo tom de sua pele. Alexandre reconhece tacitamente a condição de inferioridade a qual é relegado, afinal, não bastavam seus esforços para conquistar a aceitação do outro, os preconceitos atribuídos à sua condição fenotípica estavam na origem da rejeição que sentia.

O doloroso processo de tomada de consciência do preconceito racial de que é vítima na sociedade talvez ajude a compreender, em certa medida, o esforço de auto aceitação empreendido por Alexandre. Tal empenho só se faz necessário pois vive em uma sociedade que se constituiu tendo o racismo como uma de suas características mais profundas, o que contribui para que não se sinta plenamente aceito.

O trabalho apresenta-se na trajetória de Alexandre como mais um suporte da auto reflexividade. Além do papel no acesso a bens de consumo, ele torna-se fonte de autorrealização e de elaboração de si, uma vez que, ao abrir outros espaços de circulação, auxilia-o na ampliação da consciência de sua posição social e favorece a aquisição de novas disposições culturais.

Partimos das concepções de Lahire (2004), para quem as disposições relacionam-se ao processo de construção das motivações da ação individual, considerando ao mesmo tempo as condições sociais e culturais herdadas, e a capacidade reflexiva dos indivíduos para elaborar-se a partir de suas variadas experiências.

As primeiras experiências de trabalho ocorreram ainda na infância. Além de realizar tarefas domésticas e cuidar dos irmãos mais novos, ajudava os mais velhos em atividades informais variadas (ensacando compras num mercado ou vendendo doces em estações de ônibus). Entre 11 e 12 anos de idade, Alexandre experimenta o trabalho na construção civil, pois afirmou sentir vergonha de vender mercadorias na rua. O trabalho de pedreiro é então narrado pelo jovem como um meio encontrado, dentro de suas opções possíveis, para continuar trabalhando sem precisar se expor ao público.

O trabalho também é abordado como veículo de aquisição de novas experiências por meio da ampliação dos espaços circulação por ele proporcionados. Sobre isto, cita o atividade de serviços gerais no teatro como um marco no acesso a uma cultura mais prestigiada e, conseqüentemente, na aquisição de novas disposições culturais. Observando os ensaios da orquestra, diz ter começado a encantar-se por um estilo musical que anteriormente considerava entediante, o que o leva a refletir sobre si:

Você pensa: caramba, essa é uma coisa que antigamente eu considerava chata porque eu não conhecia. Que mais tem de legal que eu não conheço, devido a eu ter uma visão limitada? Você começa a se questionar em muitas coisas.

Ao acessar um espaço de frequência não habitual dos sujeitos pertencentes a sua posição social, seja pelas restrições econômicas ou simbólicas, Alexandre descobre um “mundo” onde se reproduz uma cultura de maior prestígio, antes desconhecido. Observando o ambiente e as ações dos indivíduos pertencentes àquele espaço, vai decifrando códigos de comportamento que não faziam parte dos padrões em seu meio de origem, códigos que investem os sujeitos que os reproduzem de certa distinção de “superioridade”. Como consequência, passa a enxergar os padrões culturais que organizavam suas estruturas cognitivas de percepção de mundo até então como inferiores, pois entende que lhe permitiam uma “visão limitada” da realidade à sua volta.



Diante desse passo à diante na percepção de seu lugar social, o jovem começa a aspirar por distinguir-se de seu meio, adquirindo disposições “*mais cultas*”, o que compete para transformar seus hábitos de consumo cultural e de lazer.

O depoimento aponta o quanto as diferenças de disposições no que se refere ao consumo cultural e lazer de maneira nenhuma podem ser naturalizadas. O desejo de frequentar teatros, por exemplo, não se trata de simples “dom” ou “gosto pessoal”, afinal, ele só desenvolveu determinado interesse ao dispor de oportunidade para acessar aquele espaço. Isso demonstra o quanto tais disposições se inscrevem num conjunto de construções culturais de hábitos ligados, em grande medida, ao acesso proporcionado pelos espaços da cidade, acessos esses marcados por desigualdades sócio territoriais. Em seu local de moradia, o jovem diz não ter acesso a equipamentos culturais (cinemas, museus, teatros, centros culturais, parques, bibliotecas, entre outros) seja pela falta de informação ou pela ausência dos mesmos. Partimos do pressuposto de que o espaço público deve proporcionar a abertura e a livre circulação que viabilize o encontro e a interação dos “diferentes” e da “diferença”, aspecto a ser privilegiado no exercício da democracia. Logo, não podemos nos furtar de ressaltar a responsabilidade do poder público na criação de oportunidades que possam intervir positivamente sobre as referidas desigualdades.

A trajetória de Alexandre também é marcada pela descontinuidade do percurso escolar, o que o fez chegar aos 17 anos e meio sem ter concluído o Ensino Fundamental. Após sucessivos abandonos e retornos, o jovem matriculou-se em um programa de inclusão social que visava escolarizar jovens pobres moradores de periferias, o Projovem Urbano, onde concluiria o fundamental um ano e meio depois, já aos 19 anos.

Um dos motivos do retorno de Alexandre à escola foi o incentivo da namorada, uma jovem negra, formada em biologia, que conheceu quando trabalhava numa loja de Shopping. O suporte no retorno aos bancos escolares extrapola os incentivos intencionais da namorada. O desejo de “evoluir” de Alexandre encontra um ponto de apoio na referência de superação da jovem, ao mesmo tempo em que se organiza em função do receio de sentir-se desnivelado frente às credenciais escolares mais elevadas conquistadas por ela. Assim, o retorno à escola encontrou novos sentidos no contexto de busca por encaixar-se no mundo a seu redor em condições mais vantajosas.

A arte é o principal prisma sobre o qual Alexandre quer ser observado. O jovem demonstra grande prazer em passar o tempo livre dedicando-se a suas gravuras, contendo as iniciais de seu nome, algumas das quais chega a estampar em camisetas para uso próprio. Seus desenhos representam um meio privilegiado através do qual ele

busca suportes para superar as provas que se colocam em seu processo de individuação. Essa habilidade é representada pelo jovem como sendo uma “*forma de se expressar*”, manifestar ideias, sentimentos e demandas que não consegue exprimir de outra maneira. A partir dela, comunica seu desejo de se “encaixar” de maneira mais digna num mundo que percebe ser desigual e que, por injustiças históricas, parece lhe impor mais desafios existenciais do que aos indivíduos que não partilham das mesmas condições. E o depoimento do jovem evidencia o quanto esse “encaixe”, de maneira alguma ocorre em condições de equidade.

A arte de Alexandre também é uma estratégia de autoafirmação, de busca de seu valor frente ao sentimento de inadequação social. Ao justificar os usos das iniciais do próprio nome nos desenhos, revela o desejo de construir uma “marca autêntica”, (para além do sentido mercadológico), que parece expressar a aspiração do jovem por desvencilhar-se de todo o estigma através do qual tem sido marcado socialmente, afinal, lhe dá a possibilidade de “*ser lembrado pelo que é, não pelo que dizem que é*”. Nesse contexto podemos compreender a insistente busca por “originalidade”, categoria que utiliza para organizar boa parte da narrativa de si. Sendo “original”, Alexandre idealiza construir-se de maneira autônoma, superando as forças coercitivas que as injustiças sociais se dispõem a exercer sobre sua identidade.

A maneira como Alexandre maneja sua temporalidade, articulando passado, presente e futuro na narrativa sobre si, demonstra seu potencial reflexivo. Entretanto, salta aos olhos a prevalência do passado em detrimento do presente e futuro em seu depoimento. A melancolia do jovem permite supor o quanto as provas identificadas constituem experiências dolorosas, ainda não finalizadas. O recurso buscado é, por vezes, idealizar um futuro que redimirá o passado, já que sonha em construir a família que não teve, ser o pai que não conheceu, alcançar o reconhecimento que nunca possuiu, enfim, conquistar o lugar social que lhe foi negado.

Seu modo de viver e perceber o mundo é marcado sobremaneira por injustiças sociais que estão na base de boa parte das provas que afetam seu processo de autonomização. Alexandre lança mão de diversos recursos para lutar contra aquilo que percebe diminuí-lo como indivíduo, e toda luta contra, é busca de seu lugar.

### **Considerações finais**

As experiências narradas por Maria, Jhonata e Alexandre instigam-nos a refletir sobre a diversidade de provas encontradas pelos jovens brasileiros para conquistarem sua autonomia. Enquanto a condição econômica compartilhada por eles impõe alguns desafios semelhantes, ligados em grande medida à luta pela sobrevivência, condições de

raça e gênero impõem desafios específicos para os quais buscam elaborar saídas mobilizando todos os suportes à disposição. Enquanto os contextos sociais fornecem o cenário, repletos de provas pessoais e coletivas, cada qual gera seus próprios recursos para enfrentar estas provas e elaborar as próprias experiências à sua maneira, e é isto que os permite constituir-se enquanto indivíduos.

Como acontece nos processos de individuação, cada qual possui uma forma particular de vivenciar o tempo, expressas em seus modos de compreender e contar suas experiências. Para Maria, alguns eventos dramáticos do passado, narrados com minúcias, tornaram-se o motor de sua busca por dignidade e planificações futuras. Para Jhonata, que se representa, preferencialmente por metáforas, as dificuldades vivenciadas são o terreno que fomentam seu desejo de viver o presente de modo intenso, como quem recupera o que não conseguiu viver outrora. Já Alexandre, que narra-se a partir de uma perspectiva nostálgica do passado, as provas vivenciadas estão na gênese de seu desejo por um futuro redentor. Sejam quais forem as maneiras de elaboração das experiências, a escola e o trabalho, ao mesmo tempo em que produzem seus próprios desafios, aparecem como principais suportes para enfrentar as diversas provas familiares, econômicas, raciais, entre outras.

Enquanto o trabalho propicia os meios materiais (e simbólicos) para a conquista da autonomia, o retorno à escola é visto como um caminho possível não apenas para a inserção qualificada no mundo do trabalho, mas para a autovalorização e conquista de um lugar mais favorável frente à sociedade. Assim, os motivos que colaboram para que os jovens abandonem a escola, isso é, a procura por recursos de subsistência e por tornar-se indivíduo autônomo, são os mesmos que influem no retorno.

Ao ressaltar os dilemas e a imprescindibilidade da concomitância entre trabalho e escola presentes nas narrativas desses jovens, o artigo aponta a necessidade de uma escola compreensiva e atenta aos tempos de vida e trabalho dos jovens, afinal, a inflexibilidade do tempo escolar aparece como uma razão para o abandono. Contudo, a escola se constitui como suporte importante para a superação das provas que afetam seus percursos biográficos.

## Referências Bibliográficas

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. , p.1439-1454, dez. 2015. USP. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143413>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

CARRANO, Paulo. BRENNER, Karina. Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educação e Sociedade**, 2014, p 1223 – 1240.

CICHELI, Vincenzo. Repensar os laços entre país e jovens adultos fora da aporia conflito-entendimento. **Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares**. 2015, p 247-265

FOLEY, Douglas. **Estudios sobre la cultura juvenil**. Editoria Biblos, Buenos Aires, Argentina, 2011, p 201-212.

THISTED, Jens. **Ninos supuestos, ninos negados**. Editoria Biblos, Buenos Aires, Argentina, 2011,p 102-112

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Armed, 2004.

LECCARDI, Carmen. Por un novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. *Revista de Sociologia da USP*. 2005, p 35-57.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista española de investigación sociológica (REIS)**. 1993, n 62, p. 193-242.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo**. Santiago: LOM, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. **La individuación como macrosociología de la sociedad singularista**. Universidad Alberto Hurtado, Chile, 2010, p 9- 29.

MARTUCCELLI, Danilo. ARAUJO, Kathya. La individuación y el trabajo de los individuos, **Educação e Pesquisa**, Sao Paulo, 2010, p 77-91.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Young**, v.4, n.2, 1996, p. 3-14.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista española de investigación sociológica (REIS)**, n 62, p. 193-242.